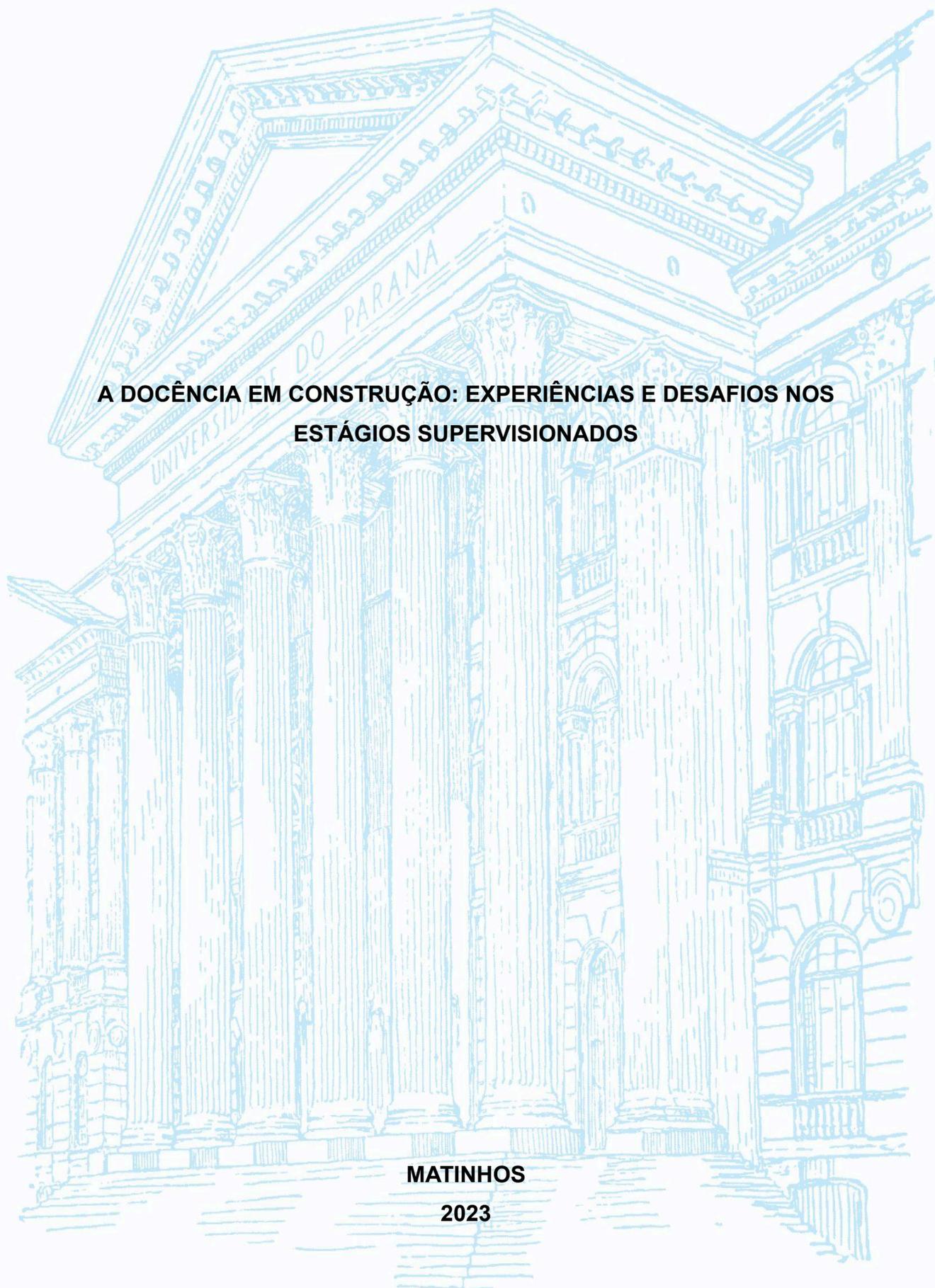


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
ERICK DE SOUZA SILVA

**A DOCÊNCIA EM CONSTRUÇÃO: EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS NOS
ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS**

MATINHOS
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
ERICK DE SOUZA SILVA

**A DOCÊNCIA EM CONSTRUÇÃO: EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS NOS
ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS**

Monografia de estágio apresentada ao curso de Licenciatura em Ciências, Setor de Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Rangel Angelotti

MATINHOS
2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por não me deixar desamparado nos piores momentos.

Agradeço a Laura, minha esposa, por me apoiar em tudo e por ser a luz da minha vida.

Agradeço aos meus pais e irmã, por me incentivarem a continuar e terem me formado a ser uma pessoa melhor.

Agradeço aos professores que tive, que contribuíram de uma forma ou de outra para meu processo formativo.

RESUMO

Neste documento, contarei a trajetória dos estágios realizados e as reflexões e contribuições de cada um em minha identidade docente, e um pouco da minha trajetória de vida até o presente. Busquei destacar a importância da formação como cidadão e do papel crítico do professor para a sociedade, e os desafios existentes em escolas públicas, como metodologias defasadas e falta de incentivos e recursos. Reforço a necessidade de reconhecimento profissional e apoio do Estado para promover mudanças efetivas, onde as ações do professor, apesar de não transformar o sistema sozinho, contribui para avanços significativos, onde nossos passos individuais, que talvez possam parecer pequenos, causam a mudança em um coletivo à longo prazo.

Palavras-chave: 1 Estágio. 2 Formação Docente. 3 Desafios Educacionais. 3. Papel do Professor. 4 Mudanças Sistêmicas. 5 Formação Cidadã.

ABSTRACT

In this document, I will narrate the trajectory of the internships I have undertaken, along with reflections and contributions from each one to my teaching identity, as well as a glimpse into my life journey up to the present moment. I have sought to emphasize the importance of personal development as a citizen and the critical role of the teacher in society. Furthermore, I have highlighted existing challenges in public schools, such as outdated methodologies and a lack of incentives and resources. I underscore the need for professional recognition and state support to facilitate effective changes. While acknowledging that individual teacher actions may not single-handedly transform the system, I stress their significant contribution to long-term collective progress.

Keywords: 1 Internship. 2 Teacher Education. 3 Educational Challenges. 4 Teacher's Role. 5 Systemic Changes. 6 Citizen Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 MEMORIAL.....	8
3 ESTÁGIO SUPERVISIONADO I.....	13
3.1 CONCLUSÕES E REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO I	17
4 ESTÁGIO SUPERVISIONADO II.....	19
4.1 CONCLUSÕES E REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO II	24
5 ESTÁGIO SUPERVISIONADO III.....	25
5.1 CONCLUSÕES E REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO III	29
6 ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV	31
6.1 CONCLUSÕES E REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO IV	35
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
8 REFERÊNCIAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

Nesta monografia, irei relatar meu período de estágios do curso de Licenciatura em Ciências, trazendo reflexões sobre cada parte do estágio e em como cada uma dessas experiências construiu um caráter docente ao longo da minha graduação. Além disso, contarei um pouco sobre minha história de vida e trajetória até o presente momento.

De acordo com o projeto político pedagógico do curso de Licenciatura em Ciências (2014), os estágios são planejados de maneira integrada, alinhados ao processo de formação e adaptados à realidade local. Essa abordagem visa permitir que os estudantes construam aprendizados que abranjam diversas áreas do conhecimento científico, social, cultural e educacional, de forma dinâmica e contextualizada.

O propósito dessas atividades é facilitar a imersão dos alunos em diferentes ambientes, considerando suas particularidades, e garantir que a formação esteja alinhada à área de licenciatura, visando o desenvolvimento profissional na educação em Ciências.

No discorrer dos relatos, busco trazer reflexões de acordo com meu ponto de vista sobre os ocorridos, alinhando a base bibliográfica estudada com a prática, e como uma complementa a outra, além de citar a importância dos estágios, apesar da dificuldade de realiza-los.

No final, realizo uma conclusão sobre o processo de estágio supervisionado como um todo, e como, pelo menos para mim, ocorreu esse processo de introdução à docência. Também relato um pouco da realidade do professor de Escola Pública e sua dificuldade em se manter fora do ensino tradicional.

2 MEMORIAL

Meu nome é Erick de Souza Silva, e nessa parte da monografia, contarei um pouco da minha história de vida.

Sou nativo de Matinhos, e pode-se dizer que nunca morei em outro lugar.

Tenho o privilégio de ter pai e mãe presentes na minha vida, onde recebi muito amor, conselhos e ensinamentos durante minha vida, e sou muito grato por isso. Também tenho uma irmã sete anos mais nova, que me ensinou muita coisa, involuntariamente. Cresci numa casa de zeladores, profissão de meus pais, na Praia Mansa do balneário de Caiobá, de frente para a praia, outro enorme privilégio que tive.

Minha família é muito grande e a maioria dos parentes de grau mais próximo moram aqui em Matinhos.

Sempre tive muita curiosidade nos assuntos, principalmente envolvendo as Ciências e a natureza, e vivia fazendo perguntas aos meus pais sobre esses assuntos. Aprendi a ler nas férias de Julho do Pré escolar, onde levei um Almanaque da *Turma da Mônica* para uma viagem ao Paraguai, visitar alguns parentes, e na volta da viagem, com auxílio dos meus pais, já conseguia ler e entender as tirinhas do almanaque. Na infância, sempre gostei muito de ler revistas infanto-juvenis, principalmente focada nessa área das Ciências Naturais.

Quando visitava alguém que possuía um computador, pedia se podia usar, e ficava horas pesquisando coisas aleatórias, e achava incrível como qualquer palavra digitada, existia um universo de coisas para ler a respeito. Em sites como a Wikipédia, despendia horas lendo, passando para outros links e lendo outros artigos. Também gostava de jogar no computador e no videogame, e conversar com os colegas de turma que também gostavam disso. Na escola, era considerado um bom aluno, no que é o conceito popular de bom aluno, basicamente por ficar quieto durante a aula e fazer as atividades. No fundamental 2 gostava mais de estudar as matérias de Ciências e História, e gostava dos professores que saíam do padrão de copiar os enunciados e perguntas do quadro, procurando as respostas com apoio do livro e o que foi explicado em uma das aulas anteriores.

Estudei o Ensino Fundamental 1 na Escola Municipal Caetana Paranhos, a quinta série (até então era utilizado série, e a partir de 2012 denomina-se ano) foi no Colégio Estadual Tereza da Silva Ramos. Do Sétimo ano em diante, até o fim do Ensino Médio, estudei no Colégio Estadual Gabriel de Lara. Meus pais me mudaram

de escola por conta de alguns episódios de briga, que ocorriam constantemente no colégio, além de alunos que vandalizavam o banheiro e a sala de aula, e, no contexto daquela época, não havia punição para isso pois os alunos ameaçavam a direção, onde os mesmos eram envolvidos com a criminalidade de diversas formas (no Tereza Ramos, haviam turmas com diversos alunos da quinta série bem mais velhos).

Além disso, era uma crença popular que o ensino no Gabriel de Lara era “mais forte”, então meus pais decidiram me matricular lá.

O Gabriel de Lara possuía regras extremamente rígidas, onde não podia usar boné ou outros acessórios, nem usar qualquer peça que não fosse do uniforme do colégio, por mais que estivesse frio, era proibido usar uma blusa mais grossa por cima do uniforme, por exemplo. O colégio era extremamente sufocante, com grades e muros altos, salas lotadas, com mais de trinta e cinco alunos por sala, e lembro de sentir uma angústia, quase claustrofóbica em alguns dias, principalmente chuvosos onde o intervalo se restringia ao espaço da cantina. Foucault (1987) usa o termo *Quadriculamento* para se referir aos espaços delimitados à cada indivíduo, onde, apesar da escola estar lotada, tudo é tão delimitado para evitar a “indisciplina” que se gerava um sentimento de solidão e não pertencimento àquele grupo. Creio que os maiores problemas que tive relacionados ao estudo foram relacionados a isso.

Apesar disso, tive algumas amizades, e gostava mais de alguns professores do que de outros. Traçando um breve perfil, professores que saíam do padrão de mandar copiar 5 páginas do livro e responder as questões, já considerava como um bom professor.

Gostava muito da até então professora de Ciências Anisther, onde ela possuía um jeito de explicar a matéria muito inclusivo com a realidade de cada um e de uma maneira bem energética, além das dinâmicas trabalhadas no laboratório. Tirando as matérias trabalhadas em sala, tive vários outros aprendizados, como as histórias e conselhos dados pelos professores e funcionários em geral que trabalhavam na escola.

Os momentos em que eu mais me sentia bem na escola, era conversando com os colegas no intervalo ou na saída do colégio.

O apoio e incentivo dos meus pais e familiares foi o que me motivou a nunca nem pensar na ideia de abandonar a escola nessa época, além de ser privilegiado de nunca precisar trabalhar para ajudar na casa, apenas trabalhei

durante o ensino médio, para, no máximo, um "autossustento" de coisas que eu gostaria de possuir, e não coisas que eu precisaria para sobreviver.

No fundamental, cerca de 4 ou 5 colegas largaram o estudo, simplesmente porque tinham reprovado algumas vezes e não viam sentido em estudar, já que tinham em vista um emprego. No ensino médio idem, vários colegas largaram para trabalhar, onde alguns já tinham um emprego que consideravam fixo, outros diziam que iriam ajudar um familiar em algum comércio, outros simplesmente diziam que depois era só fazer o Enem ou supletivo e que não precisavam perder 3 anos estudando.

No fim do ensino médio, em 2017, não queria cursar nenhuma faculdade, fazer vestibular nem nada do tipo, pois a área de maior interesse que eu possuía, no caso Ciências Biológicas, tinha apenas o curso público em Curitiba, e eu não via condições de pagar uma faculdade privada ou mudar de cidade, além de não entender direito como funcionavam as bolsas de estudos. Após a livre e espontânea pressão de minha mãe, que perguntou se eu tinha feito a inscrição para o vestibular, e ao responder que não, conversamos bastante sobre e decidi me matricular no vestibular para Oceanografia, no Centro de Estudos do Mar, em Pontal do Sul. (Detalhe; era o último dia de inscrição que se encerrava cinco horas da tarde, e já eram quase quatro horas. Realizei o pagamento da inscrição online, crente que não daria certo. Mas deu.)

Fui fazer o vestibular com a intenção de passar, estudei bastante antes, apenas porque não queria que o dinheiro da inscrição tivesse sido gasto à toa. Consegui passar, onde entrei como cotista de escola pública, e em seguida, veio outra etapa complicada, que foi a matrícula e toda a burocracia de entrar numa faculdade pública.

Como entrei no curso de Oceanografia sem ler direito sobre como funcionava, não me toquei que o curso era integral, o que foi um dos motivos para eu não ter permanecido no curso. Saía do Setor Litoral às seis e cinquenta da manhã com o Intercampi (ônibus da universidade que tinha em sua rota os Campus das universidades do Setor Litoral, Mirassol e Centro de Estudos do Mar), e chegava no Campus do Centro de Estudos do Mar lá pelas oito e meia. As aulas eram de Segunda a sexta, geralmente das nove e meia até umas quatro horas, com duas horas de almoço. Em seguida, pegava o Intercampi lá por umas cinco horas e chegava em casa cerca de oito horas da noite, exaurido por ficar o dia inteiro fora.

Essa rotina não me permitia focar direito nos estudos, que eram extremamente puxados, e meu tempo de estudo era no fim de semana, onde quase não convivía mais com minha família e amigos, o que sempre foi recorrente para mim. Além disso, não sobrava tempo nenhum para trabalho, então tentei conseguir bolsas de auxílio, e felizmente consegui as bolsas de auxílio permanência e auxílio alimentação, cedidas pela Pró reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE).

Com essa bolsa, cri que conseguiria dividir um aluguel com colegas para focar mais nos estudos, e foi o que tentei. Mesmo com essa bolsa e sem precisar pagar o restaurante universitário, ainda precisava de uma ajuda dos meus pais, que me mandavam um dinheiro quando podiam, pois a bolsa toda praticamente ia para pagar aluguel, água e luz. Esse foi o segundo motivo para eu ter mudado de curso, ter que depender mais do meus pais, pois apesar de nunca passar necessidades, o dinheiro sempre foi contado, e não queria me ver como um peso. Mesmo que eu tentasse outras bolsas, não iria conseguir permanecer muito tempo com elas, pois meu rendimento acadêmico estava bem ruim.

O curso de Oceanografia possui as temidas matérias de cálculo e álgebra no primeiro semestre, e uma evasão assombrosa, principalmente por conta delas, cerca de trinta alunos, geralmente passavam dez alunos, em sua maioria, após recuperação. Todos que passavam eram de escolas particulares e de Curitiba, nenhum morador do litoral passou nessas matérias. E isso me frustrou muito, pois nunca tive tanta dificuldade em entender uma matéria que foi me passada no ensino fundamental e médio, além dos professores passarem conteúdos como se todos tivessem uma base matemática forte (um dos professores de matemática que eu tive no ensino fundamental e médio de vez em quando ia para a escola visivelmente embriagado, o que já serve de exemplo da base matemática minha se comparada com os outros colegas da faculdade).

Somando os fatores de não ver sentido em cursar uma faculdade, indisponibilidade de tempo para trabalho, dificuldade de assimilação dos conteúdos, cansaço da rotina exaustiva, me fizeram mudar de curso, onde saí lá por agosto de 2018, e decidi ingressar no curso de licenciatura em ciências aqui em Matinhos, onde analisei bastante e vi que o curso era a noite, ser de uma área que é de meu interesse, apesar de ser uma licenciatura, onde existe muito tabu sobre licenciaturas, e todos perguntavam se era uma boa ideia realmente mudar para esse curso. E sinceramente, meu objetivo mudando era, primeiramente por ser em

Matinhos e ser à noite e conseguir adequar um trabalho durante o dia e o estudo à noite.

Já em 2019, comecei a cursar e trabalhar também. Em 2020 iniciou-se a pandemia e o período de lockdown e estudo remoto, o que, friamente falando, me ajudou a conciliar os estudos e o trabalho. Em 2022, na volta do ensino presencial, relutei bastante em continuar o curso, onde os estágios foram extremamente desafiadores para quem trabalha e não tem muita chance de flexibilização de horários, e pensei em trancar a faculdade algumas vezes. Apesar de tudo, lutei para continuar e finalizei os estágios e o restante dos módulos de Fundamentos práticos e teóricos do curso em 2023. O que me fez continuar a cursar muitas vezes foi minha esposa, que me incentivou a continuar o curso apesar das dificuldades. Olhando para trás, vejo que fiz a escolha certa.

3 ESTÁGIO SUPERVISIONADO I

Meu estágio foi realizado no Colégio Estadual Gabriel de Lara, no ano de 2019, sob a supervisão do professor Luiz Fernando de Carli Lautert na UFPR, tendo como minha mediadora no colégio a professora Tatiana Kraiczei.

O primeiro estágio, diferindo da maioria dos cursos, é realizado logo no primeiro ano do curso de licenciatura em Ciências, onde os professores, paralelamente aos estágios, no módulo de Integração e Reconhecimento, e no módulo de Concepções de Ciência e Educação, demonstravam no primeiro módulo a nossa realidade local, e no segundo módulo, como integrar a realidade local à realidade escolar.

Na emenda do PPC do curso, o módulo de estágio supervisionado 1 compõe o;

“Estágio nas escolas da rede pública para a análise de dimensões administrativas e organizacionais da escola, acompanhamento dos processos de planejamento, relação escola-comunidade, observação de atividades extras classe. Conhecimento e análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais e das Diretrizes do Estado do Paraná para o ensino de Ciências. Estudo, concepção e elaboração do plano de pesquisa-ação da/na escola para execução no estágio supervisionado II (Projeto político pedagógico UFPR, 2014).”

Essa primeira parte do estágio nos prepara para a inclusão no ambiente da escola, onde devemos analisar diversos aspectos relacionados a esse ambiente, exercitando a visão de professor através de diversos aspectos, buscando a construção da identidade docente desde um primeiro momento.

Segundo Nóvoa (1992), a identidade docente é uma construção coletiva, onde os anos iniciais de formação são fundamentais para essa construção, onde é imprescindível que haja um lugar de articulação entre a sociedade, a universidade e a escola.

O colégio Estadual Gabriel de Lara se encontra no centro de Matinhos, Paraná, comportando os estudantes de diversas áreas da cidade, onde os responsáveis por esses alunos são formados principalmente por trabalhadores do comércio, operários da construção civil, pescadores, vendedores ambulantes, coletores de material reciclável, zeladores e autônomos no geral. Os estudantes, em sua maioria, pertencem às classes média e média baixa.

Ao chegar pela primeira vez na escola, não como um aluno do Ensino Fundamental ou do Ensino Médio, mas como um aluno de graduação, um “filme” se

passou pela minha cabeça, lembrando da minha trajetória, onde estudei desde o sétimo ano do fundamental até o terceiro ano do ensino médio, lembrando tudo de bom e de ruim que as lembranças da escola me traziam.

Logo no primeiro dia de estágio, estava esperando a professora durante o intervalo no pátio, e um grupo de alunos vieram perguntar o motivo de eu estar ali sentado sozinho, provavelmente tendo me confundido com um aluno recém-chegado pela falta de uniforme, este que é algo intrinsecamente requisitado, onde qualquer peça faltante resulta em repreensão, e quando um aluno vem sem o uniforme, o colégio empresta uma peça reserva até o final do dia. Iniciei meu primeiro dia de estágio na semana da FECON (Feira do Conhecimento), que é uma feira de Ciências anual e aberta para a comunidade, observando as exposições dos alunos dos sextos e sétimos anos. O tema da FECON desse ano era a bioeconomia, e existiam vários trabalhos envolvendo esse tema. Neste dia, observei todos os trabalhos, analisando a forma como se organizavam as apresentações. Alguns trabalhos eram mais elaborados, outros mais simples, com apenas alguns cartazes.

A avaliação era feita a partir de duas vertentes; o científico (que englobava conhecimento técnico, veracidade de informações, embasamento teórico etc.) e o artístico (a criatividade, organização da exposição), onde avaliadores, geralmente professores ou estagiários, pré-definidos compareciam nos grupos para avaliar. Notava-se certo nervosismo dos alunos para apresentar seu trabalho aos professores avaliadores. Poucos alunos apresentavam os trabalhos sozinhos, geralmente eram grupo de três ou mais alunos, e notava-se que os alunos realmente conheciam o tema, apresentando seus conteúdos de forma expositiva, porém de fácil compreensão. Alguns alunos realmente demonstraram interesse em dar continuidade ao seu projeto externamente.

A primeira observação da prática docente foi na turma do Sétimo ano, e como de costume no Colégio Gabriel de Lara, os alunos formam uma fila única por sala antes de subir para a sala de aula. Após alguns minutos, os professores de cada turma orientam os alunos a organizarem a fila para subir em uma fila após a outra, esse processo dura cerca de dez minutos. A professora aguarda mais uns três minutos para os alunos sentarem cada um em seu lugar e entrarem na sala. Quando eu entrei na sala, os alunos ficaram um pouco curiosos com minha presença, até a professora anunciar que eu era um estagiário. Nessa aula, a professora anuncia que terá uma recuperação da prova, feita na aula anterior, porém os alunos questionam

dizendo que não foi avisado sobre, e a professora decide adiar a prova. A professora diz aos alunos que se eles se comportarem, ela os leva ao laboratório, e os alunos pedem fervorosamente para ir.

O laboratório possui quatro bancadas de concreto com revestimento em cerâmica, e banquetas dispostas em volta, onde os alunos ficam com seus cadernos acompanhando a aula. O laboratório possui um quadro onde a professora fica, e outra bancada de granito com várias caixas amontoadas, com modelos e maquetes antigas. O fundo da sala possui alguns armários com algumas lâminas e lupas. Me disponho no fundo da sala para melhor observação. Alguns estudantes realizam uma série de perguntas sobre mim, como meu nome, qual o motivo de eu estar ali ou se a Faculdade é “difícil”.

O tema da aula são os organismos parasitas, e a professora tenta achar alguns modelos de parasita para demonstrar aos estudantes, em alguns armários no fundo do laboratório, porém não é encontrado, e a professora dá continuidade ao conteúdo. A professora pede aos alunos que busquem os livros didáticos na biblioteca, onde após exposição, é feita uma série de exercícios valendo nota. A maioria das aulas segue esse padrão: exposição do tema, onde os alunos ouvem e também interagem com a professora, respondendo e complementando a fala da professora, que instiga os alunos a isso.

Após a exposição, a professora abre um tempo para as perguntas, se houver. Depois, se passa uma série de exercícios do livro didático, os alunos o fazem e levam o caderno para o visto, enquanto a professora caminha pela sala auxiliando os alunos, e depois é realizada a correção geral, onde a professora expõe as perguntas e os alunos respondem, geralmente levantam a mão e a professora escolhe alguém para responder. Os cinco pontos da média são feitos dessa forma, e os outros cinco são dados na forma de avaliação de prova.

A semana seguinte a essa foi a que ocorreu os jogos escolares, realizados entre as salas para promover atividades desportivas, como o tênis de mesa, pebolim e futsal. Neste dia, realizei uma integração com os alunos, conversando e observando os jogos. Na hora do intervalo, notei algo curioso: perto da sala dos professores; havia um cartaz com o nome de três alunos de cada sala, com os dizeres de “alunos-destaque”, onde eles realizavam a média de cada aluno, e colocavam os com maior média neste cartaz.

Realizei algumas perguntas para a coordenação sobre o Projeto político pedagógico após uma leitura do mesmo. De acordo com a pedagoga, o PPP deveria ser realizado em conjunto por todos do colégio, incluindo direção, docentes, funcionários e a coordenação, além de atualizado todo ano, onde após a realização, ele é encaminhado e aprovado pela secretaria do Estado.

Porém, os professores não buscam saber, nem se importam com o projeto, simplesmente ignorando-o. O projeto está disponível no portal do colégio. Além disso, a coordenação se encontra e debate com os docentes apenas no começo e no meio do ano, e apesar de revisarem o plano de aula, não há um controle do que realmente é passado aos alunos.

O maior desafio da coordenação atualmente é a integração dos responsáveis pelos estudantes no convívio escolar, onde é o maior desafio apontado tanto no PPP quanto pela própria coordenação.

A seguinte frase, atribuída à Paulo Freire, “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é se tornar o opressor” se torna clara à medida do que vivi no estágio e como aluno nesse colégio. A forma sistemática e militar, no mal sentido da palavra, só recai sobre os alunos, onde o restante dos profissionais, por conta do meio em que vivem e muito provavelmente por terem estudado em uma escola parecida denota isso. Foucault (2001) também traz o termo “micropráticas do poder”, citando que as relações de poder são pulverizadas ao longo das hierarquias sociais no ambiente escolar.

Sinto que a maioria dos profissionais não demonstram critérios nem fazem o mínimo para dar condições aos alunos, o que não constrói conhecimento e pode gerar traumas e um desprezo pelo ambiente escolar. Na minha concepção, isso é algo proposital, e o colégio é um modelo para o que o Estado quer, um exército de pessoas que não vão ter onde correr a não ser trabalhar em serviços de base, que não possuem pensamento crítico e que dependem do governo para que consigam sobreviver.

Este primeiro passo contribuiu bastante para minha identidade docente, e considero que abriu meus olhos para enxergar uma nova perspectiva sobre o ambiente escolar.

3.1 CONCLUSÕES E REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO I

Esse foi meu primeiro contato com a escola, além de um estudante, e como fazia apenas dois anos que tinha saído de lá como aluno, num primeiro momento gera uma certa estranheza, por exemplo, de estar dentro da sala de professores, conversando com os professores sobre diversos assuntos, além dos que envolviam a escola ou algo relacionado a isso.

Além disso, estar na sala de aula também causava um sentimento de estranheza com um pouco de nostalgia. Às vezes, me pegava lembrando de determinada aula ou trabalho que realizei quando estava com a mesma idade dos alunos. Apesar disso, na maior parte do tempo, a orientação foi para analisarmos os diversos aspectos da escola, não só a sala de aula.

Uma das atividades de orientação no estágio foram uma série de perguntas orientadoras, que poderíamos realizar um questionário e perguntar para os professores, pedagogos, orientadores ou demais trabalhadores da escola.

Sobre o papel do supervisor/coordenador pedagógico, consegui realizar algumas das perguntas. O acompanhamento com cada turma ocorre de maneira esporádica, limitando a maior parte da orientação e feedback aos professores. A ausência de sugestões de metodologias inovadoras, segundo a supervisora, restringe o potencial de ensino. Além disso, a coordenação não costuma incentivar ideias, projetos ou dinâmicas dos professores.

As turmas observadas costumavam ter uma divisão por sexo, onde a maior parte das meninas ocupam um lado da sala e meninos ocupam o outro lado, o que pode limitar a interação e colaboração entre eles. A relação entre professor e aluno parece ser mais impessoal, com regras rígidas e sistemas de premiação, geralmente por ficar quieto e responder certo, e punição, por conversar demais ou responder errado que podem limitar a expressão dos alunos. Esse sistema nem sempre surge do professor, podendo ser replicado pelos pedagogos, diretores e demais funcionários do colégio.

Quanto à relação entre conhecimento e alunos, o ritmo do trabalho é ditado pelo professor, o que pode não se adequar às diferentes necessidades dos alunos. Algumas regras de comunicação podem criar um ambiente de aprendizado mais focado, mas também inibir a participação dos alunos.

Ainda, realizei a leitura de uma parte do Projeto Político Pedagógico do colégio, onde a coordenação avisou que estava desatualizado e só tinham em mãos

a versão antiga. Ao questionar se ele era aplicado, a coordenadora disse que não, porém tinha um planejamento para uma aplicação mais plena futuramente.

De acordo com Vasconcellos (1992), a construção do conhecimento é inerentemente participativa, onde a força motriz para o aprendizado é a reflexão do que foi lecionado, e sem o pertencimento e identificação com o assunto, não há reflexão, que por sua vez, não há aprendizado.

Por ter saído comparativamente recente da mesma escola em que fiz esse estágio de observação, notei muitas semelhanças com a maneira que seguia as aulas, de forma engessada e automática, onde não se tratava de um ponto em específico, mas de todo o sistema que funcionava a escola, e da dificuldade e esforço que exigia de tentar algo diferente.

Apesar de tudo, nesse primeiro estágio, finalizei motivado para no ano seguinte continuar os estágios e tentar me inserir mais nas práticas docentes.

4 ESTÁGIO SUPERVISIONADO II

A segunda parte do estágio foi realizada no colégio estadual Gabriel de Lara, em 2022, tendo o Valentim da Silva como professor orientador da UFPR e a Tatiana Kraiczei, professora supervisora no colégio.

Esse módulo de estágio compõe;

“Realização de estágio monitoria na alternância entre a escola-campo com a execução do plano de pesquisa-ação. Entrega de relatório semestral com os diários de vivências e os relatos da pesquisa-ação articulados com a literatura. (Projeto Pedagógico do Curso, 2014)”

Esse módulo possui um maior foco na observação da sala de aula como um todo, onde, em conjunto com os textos e leituras realizadas, devemos exercitar a reflexão e tentar enxergar além do que parece ser em um primeiro momento.

Inesperadamente, realizei essa parte do estágio praticamente três anos depois do primeiro, por conta do período pandêmico.

Várias incertezas e desmotivações causadas por esse período, de março de 2020 até o começo de 2022, me levaram a aguardar um tempo para retornar aos estágios, onde, durante o período anterior a essa data, houveram adaptações para o ensino de forma remota, tanto no ensino fundamental quanto nas outras matérias do próprio curso de licenciatura. Por esses motivos, somados a uma dificuldade de concentração durante o ensino remoto, optei por voltar aos estágios no momento em que se começou a flexibilizar o ensino presencial, com todos os protocolos realizados na medida do possível. Notei que os protocolos de uso de máscara, distância mínima e demais procedimentos de prevenção ao COVID 19 eram mais exigidos nas primeiras semanas, e, ao longo do tempo, apesar da máscara ser constantemente exigida, a distância mínima, aferição da temperatura corporal e demais protocolos não eram exigidos com tanto rigor.

As aulas observadas foram dos sétimos e nonos anos. O processo burocrático do estágio, como sempre, foi um tanto desafiador, onde o processo de efetivação faz com que vamos ao colégio diversas vezes para cobrar e exigir que olhem e efetivem nosso protocolo de estágio, após mandar todos os documentos.

O primeiro dia de estágio, retornando à sala de aula no colégio após o estágio supervisionado 1, em um 2019 antes da pandemia, foi um tanto nostálgico, onde vieram à tona uma série de lembranças sobre o meu primeiro ano no curso e

todas as vivências até o momento. O colégio, apesar de essencialmente ser o mesmo, sofreu mudanças estruturais e organizacionais bem claras à primeira vista. Estava com a pintura renovada, mudanças de salas de um lugar para outro, o sinal para indicação de término de uma aula e intervalo tocava um som diferente da última vez, e mudanças de professores e cargos pedagógicos também.

A principal mudança foi a inclusão de turmas dos sextos aos oitavos anos pela manhã, onde, da última vez, só haviam turmas do ensino médio, e duas turmas do nono ano, sendo as turmas do fundamental, em sua maioria, na parte da tarde.

As salas de aulas continuaram praticamente as mesmas desde meu último estágio; cinco ou seis fileiras de carteiras na frente de um quadro, ou vidro branco com canetas, ou o clássico quadro negro e giz, com a mesa do professor a frente, dois ventiladores antigos no teto, e janelas do lado esquerdo da sala.

No banheiro dos alunos, não foi reinstalada sequer uma torneira desde o último estágio e desde que saí do colégio, como aluno, em 2017. Apenas uma torneira funcionando, dois ou três banheiros interditados, alguns sem porta ou sem a parte de cima da privada, e alguns sem o cordão da descarga. A sala dos professores, consiste em uma mesa grande, com cerca de doze lugares, e está quase sempre lotada de professores, durante o intervalo ou antes da primeira aula. Possui armários onde cada professor guarda seu material, tomadas para os notebooks dos professores que usam, e mais algumas mesas no canto, onde também tem a comida servida aos professores no intervalo.

Os professores conversam entre si sobre diversos assuntos, seja assuntos pessoais, seja sobre os alunos ou sobre algum processo pedagógico da escola. A biblioteca, que mudou sua localização a partir de 2018, para um local com menos da metade do tamanho do espaço anterior, onde foi instaurado um auditório que, de acordo com funcionários, nunca é utilizado.

A biblioteca não possui espaço para estudos, onde possui algumas mesas cercadas por pilhas de livros amontoados. Observei alguns livros, e além dos didáticos, a biblioteca possui alguns exemplares de literatura clássica brasileira, e alguns infanto-juvenis. Vários livros se encontram desgastados pela idade, já outros parecem nunca ter sido utilizados.

De acordo com a funcionária que cuida do local, o que mais a entristece é o descaso feito com a biblioteca, onde na mudança, senão fosse ela impedir, mais da metade dos livros seriam jogados fora, e além dos professores e a coordenação

mandarem os alunos à biblioteca como forma de punição, geralmente quando um aluno é mandado para fora da sala por algum motivo, ele deve ficar na biblioteca isolado dos outros até o fim da aula. Isso, de acordo com a funcionária, gera um sentimento de aversão ao espaço da biblioteca, que se torna desvalorizada por praticamente todos da escola.

Além disso, por conta de não haverem livros didáticos para todos, eles são emprestados no começo da aula, geralmente por dois alunos e devolvidos no final. Minha primeira observação de estágio em sala de aula desse módulo foi em uma turma do sétimo ano. Como sempre, as turmas formam filas no pátio, no lugar demarcado, e os professores chegam na frente da fila da turma, e guiam eles para a sala, assim que a fila é formada e há uma liberação por parte dos colaboradores que organizam essa parte. De acordo com a chamada, a turma possui vinte e nove alunos, nesse dia, com três alunos faltantes.

Quando entrei na sala, os alunos ficaram um pouco curiosos com minha presença, até a professora anunciar que eu era um estagiário, como de praxe na maioria das turmas em que vou fazer a observação pela primeira vez. Essa era a última aula de ciências da turma antes das férias de junho. Sentei numa cadeira no canto da sala, para observar a aula do ponto de vista dos alunos, nesse primeiro momento. A professora fazia uma análise do caderno dos alunos, e o aluno que tivesse o caderno completo (com todos os vistos dados no fim de cada aula) receberia dois pontos extras.

A maioria dos alunos não possuía o caderno com todos os vistos, seja por faltas em um dia ou outro, ou seja, por simplesmente não terem nenhum conteúdo anotado no caderno. A maioria desses alunos era repreendido, e os poucos que tinham o conteúdo completo eram colocados como exemplo à turma. Após a conferência, foi feita uma revisão do conteúdo, que seria, em questão, os vermes e parasitas (platelmintos, tênias...). Foi apresentado um vídeo, com auxílio do projetor, explicando ligeiramente o que são os parasitas e vermes, em seguida foi feita uma leitura, em conjunto com os alunos, utilizando o livro didático (principal base de segmento das aulas), onde liam sobre o conteúdo, conversaram brevemente por cerca de três minutos sobre o tema, como a importância de estudar esse assunto e respondiam, em seguida, algumas perguntas sobre o que leram no livro.

O segmento da aula é recheado de repreensões de qualquer conversa trocada entre os alunos, não que eu ache que isso não deve acontecer, dependendo

do momento (explicações, leituras, exames, etc.), mas em uma aula de cinquenta minutos, são mais de quarenta frases repreensivas, como: “vire para frente”, “pare de conversar”, “vou te tirar meio ponto por não trazer o livro didático”, entre outros.

Muitas vezes, em diversas aulas, os alunos pediam para ir ao banheiro, e notei um certo padrão; na primeira aula, não era permitido pois acabavam de entrar na sala. Na segunda, se estivesse faltando vinte minutos ou menos para o intervalo, também não era permitido.

No terceiro horário, os alunos acabaram de voltar do intervalo, então também não havia permissão, e na quinta aula, dependia, se estivesse perto do fim, também não era permitido. Alguns alunos, nessa situação, insistiam mais duas ou três vezes, aí então era permitido, mas era deixado claro que voltassem para a sala o quanto antes, se liberado. Nos intervalos, os alunos descem para o pátio, alguns vão para a fila da cantina, na maioria das vezes os menores (sextos e sétimos) vão correndo até a fila, alguns vão para os bancos do pátio, e poucos vão para a biblioteca. O intervalo, assim como da última vez que fui ao estágio, era dividido.

No primeiro intervalo, entre a segunda e terceira aula, desciam as turmas dos sextos e sétimos, e no segundo, as turmas do oitavo e nono e as turmas do ensino médio. No retorno as salas, é semelhante à entrada na primeira aula. A maioria das salas é subindo as escadas, então os alunos são liberados de turma em turma, na fila, para evitar tumulto na escadaria. Na saída, é semelhante. Conforme os funcionários do colégio vão liberando, cada sala vai saindo, por vez, descendo as escadas. Nas observações seguintes, dessa vez nos nonos anos, alguns pontos me chamaram a atenção. Era uma aula de revisão, de uma matéria que cai no “Prova Paraná”, de acordo com a professora. É apresentado, com o projetor, um slide pronto do Registro de classe online (RCO), que é um módulo de planejamento fornecido pelo Estado, sobre as teorias de origem da vida, e uma breve explicação que seria melhor vista no primeiro ano do ensino médio pelos alunos, que é a genética, e genes recessivos e dominantes. Após a explicação de alguns conceitos o assunto chamou bastante atenção dos alunos, que quiseram discutir e comentar sobre o tema, levantavam a mão e diziam algo como “sou muito mais parecido com meu pai que minha mãe”, ou o contrário. Após a discussão, é passado uma série de perguntas sobre o tema origem da vida e sobre os sais, provavelmente esse último foi abordado em aulas anteriores.

Em um dos dias de observação no sétimo ano, um evento me chamou atenção. Uma das pedagogas foi em sala anunciar o projeto de aluno monitor, que seria uma atividade de contraturno, onde um aluno deveria se voluntariar participar.

A atividade se tratava do aluno monitor selecionado, escolher um professor de sua preferência que trabalhasse no contra turno, nesse caso à tarde, deveria ser um auxiliar do professor, ajudando o professor a organizar a sala e ajudar alguns alunos com maior dificuldade. A atividade seria uma vez por semana, durante um trimestre, e seria algo que agregaria no currículo escolar do aluno que cumprisse essa monitoria. O aluno escolhido deveria ser um aluno exemplar, não um aluno bagunceiro, de acordo com as palavras da mesma. Cinco alunos se voluntariaram para serem monitores, mas apenas um por turma poderia ser. Então houve uma votação, entre os alunos mesmo, para decidir qual dos cinco seria o selecionado. Após a votação, um dos alunos foi selecionado e ordenado a comparecer à sala da direção para tratarem dos assuntos, pedirem o consentimento dos pais.

O aluno decidiu escolher o professor de educação física. Isso tudo me levou a pensar sobre o que são os critérios para escolher um aluno bom, e se os alunos que se candidataram à monitoria realmente estavam preocupados em acrescentar algo no currículo escolar ou se era por algum outro motivo.

Em 2022, por conta da falta de alunos no curso de licenciatura em ciências, a coordenação do curso optou por juntar todas as turmas do curso, e dividir em dois eixos, com cerca de sessenta alunos em cada eixo. Por esse motivo, pode-se trabalhar vários módulos em conjunto, e, nesse contexto, foram divididos os eixos em grupos de cerca de cinco alunos, e realizado o planejamento de aplicação de um plano de aula sobre o tema “Dengue”, após vários processos e decisões com o grupo formado. Com a permissão da professora, apliquei na escola um questionário curto e simples sobre a dengue, com perguntas sobre o que os alunos conheciam sobre a dengue, o que gostariam de saber sobre o tema e se conheciam o mosquito da dengue, e um espaço para fazerem uma ilustração sobre o tema. Esse questionário serviria como uma espécie de sondagem para aplicação de aula futura, porém, por conta de alguns imprevistos e dificuldades de inserção da aula no módulo de estágio na escola, não conseguimos incluí-la, e realizamos a aula, tendo em base os questionários, na universidade. Apesar de tudo, o resultado do planejamento foi satisfatório, e pretendo aplicar o planejamento em aulas futuras.

4.1 CONCLUSÕES E REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO II

De acordo com Lucena (2012), devemos compreender o papel da docência em nossa vida pessoal para a construção da identidade docente. Nesse sentido, o estágio supervisionado 2 foi desafiador e instigante, pois apesar dos desafios, retornar ao colégio após todo o período de isolamento, acrescido de uma identidade docente um pouco mais reforçada, após passar por diversos módulos de formação como professor, diferente do estágio supervisionado 1, onde fiz o estágio com uma visão de “transição” entre aluno do colégio e um retorno como professor em formação, nesse segundo módulo de estágio, fica um pouco mais perceptível certos aspectos sobre eventos e ações entre aluno-aluno, professor-aluno e professor-professor, além do ambiente escolar ter um escopo de visão muito mais profundo e reflexivo, comparamos leituras realizadas com a realidade e conseguimos formular conclusões um tanto mais embasadas sobre as motivações por certos atos serem realizados da maneira que são.

O segundo Módulo de estágio supervisionado foi essencial para minha formação, pois me levou a refletir muito sobre o papel do professor, e como ser um professor pode acrescentar aspectos, tanto positivos quanto negativos nos alunos, que são o futuro da sociedade, e como o peso de ser um docente precisa ser levado mais em conta quando se escolhe esse papel na sociedade, que vai além de apenas uma profissão.

5 ESTÁGIO SUPERVISIONADO III

O estágio supervisionado III, realizado em 2023, teve como professor orientador da UFPR o Vitor Fabrício Machado Souza, e o professor receptor do colégio, Jean Carlo Alves.

O estágio foi realizado no Colégio Estadual Tereza da Silva Ramos, O colégio se localiza em Matinhos, Paraná, na Rua Martinho Ramos nº 200, no bairro Tabuleiro. O horário de funcionamento da instituição é das 7h30min às 11h55min, no período matutino, com intervalo de 15 minutos entre 10h00 e 10h15. O período vespertino inicia as 13h00min, com intervalo entre 15h30 às 15h45, encerrando as 17h25min. O período noturno começa às 18h40min e tem intervalo de 10 minutos (20h20 às 20h30) e o término é as 23h00min.

O colégio é estadual (Público) e atende o Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e médio (1º a 3º ano). Pela noite, possui as modalidades do EJA (educação de jovens e adultos).

Os alunos são, em sua grande maioria, do bairro Tabuleiro ou bairros próximos. As principais ocupações da população do bairro, os pais ou responsáveis pelos alunos, são no setor de construção civil, diaristas, vendedores ambulantes (principalmente na alta temporada), sem vínculos empregatícios – trabalho informal. O colégio agrega ainda, estudantes vindos de famílias que residem no Balneário Caiobá, onde muitos trabalham como caseiros ou zeladores de prédios. O nível de renda familiar gira em torno de um a três salários mínimos nacional

O Colégio Estadual Professora Tereza da Silva Ramos se situa na região periférica do município. O bairro é um dos mais populosos do município e apresenta problemas de violência e uso indevido de drogas, refletindo no âmbito escolar. A maioria das residências é construída irregularmente em terrenos de invasão ou, em alguns casos, de doações da Prefeitura (termo de posse).

Segundo o PPP, no Ensino Regular há um atraso significativo em relação à aprendizagem, com grande defasagem na leitura, escrita, oralidade e interpretação de textos simples, no raciocínio lógico-matemático e resolução de situações problemas envolvendo as quatro operações fundamentais, interferindo na apreensão de novos conteúdos. Ainda de acordo com o PPP, existe ainda um grande desinteresse por parte de educandos e de muitas famílias que se eximem do compromisso com a educação de seus filhos. O órgão de maior representação da comunidade de acordo com o PPP é a APMF, um colegiado de representação dos

Pais, Mestres e Funcionários do Estabelecimento de Ensino, que visa discutir, no seu âmbito de ação, e assegurar ao educando, por meio da participação no processo de tomadas de decisões no interior da escola e do exercício de efetivo controle social, as condições necessárias e possíveis de aprimoramento do ensino aprendizagem e integração família – escola – comunidade, apresentando sugestões, em consonância com o Projeto Político Pedagógico para apreciação do Conselho Escolar e equipe – pedagógica – administrativa, representando os reais interesses da comunidade escolar, busca gerir e administrar os recursos financeiros próprios e colabora com a manutenção e conservação do prédio escolar e suas instalações, mobilizando o coletivo e a comunidade escolar para a importância da manutenção e preservação do patrimônio público.

O terceiro módulo de estágio tem por objetivo:

“Realização de estágio de monitoria na alternância entre a escola-campo com revisão do plano de pesquisa-ação. Entrega de relatório semestral com os diários de vivências e os relatos da pesquisa-ação articulados com a literatura.”

Esta parte do estágio compõe a elaboração e aplicação de um plano de aula.

Durante o estágio, tive a oportunidade de vivenciar diferentes atividades no ambiente escolar, dado ao contexto e inevitabilidade de comparação com os estágios anteriores, onde o estágio 1, realizado em 2019, Pré pandemia, e em outra escola (Colégio Estadual Gabriel de Lara) e o estágio 2, também realizado no Colégio Gabriel de Lara, mas dessa vez ainda num cenário de final de pandemia, no segundo semestre de 2022.

Inicialmente acompanhei a aula do professor responsável, observando suas metodologias de ensino, a interação com os alunos e as estratégias utilizadas para promover a aprendizagem, onde o professor abrangia as quatro séries responsáveis pelo Ensino Fundamental 2, e foi possível acompanhar pelo menos algumas aulas de cada série.

Por conta dos horários disponíveis, acabei por acompanhar mais as turmas do sétimo ano observando o perfil de cada turma, as dificuldades e necessidades para melhor pensar em uma atividade que contemplasse de melhor forma a engajar os alunos.

Após algumas aulas de observações, fui inserindo gradualmente nas atividades, auxiliando o professor e os alunos nas atividades didáticas do livro ou em algumas dinâmicas.

Em algumas ocasiões, assumi algumas aulas em momentos necessários, e decidi elaborar algumas atividades, além da atividade de aula final do estágio. Nesse dia, tinham algumas turmas do sétimo ano, e adaptei as aulas previstas utilizando a bagagem do curso para ofertar a aula.

Era a introdução do Reino Fungi, onde as aulas seguiram o padrão de iniciar com uma aula expositiva, mas com maior interatividade entre as explicações dos conceitos básicos da matéria. Após a aula expositiva, de cerca de 30 minutos, o restante saímos com as turmas para procurar os fungos pela escola, e pedia para apontarem as características de cada fungo que encontramos, além de solicitar que eles registrassem no caderno enquanto realizamos essa “saída de campo”.

Muitos alunos ficaram animados com a ideia de andar pelo colégio, engajaram na busca pelos fungos. Após darmos a volta pelo colégio, voltamos à sala para o fechamento da aula. Também tinha uma turma do sexto ano, onde realizei, em conjunto com outra estudante, que participa do programa de residência pedagógica, uma aula expositiva no quadro, adaptando o conteúdo do livro, que era a parte de transformações do estado da matéria, de uma forma mais dinâmica e interativa enquanto realizada às demonstrações no quadro.

Em outro momento, no sexto ano, foi realizado uma dinâmica sobre misturas e substâncias, onde fomos ao laboratório, e trouxe alguns materiais para realizar a dinâmica, sendo 5 fundos de garrafas PET como recipiente, detergente, sal de cozinha, fécula de mandioca, óleo de cozinha, milho para pipoca, grãos de feijão e água.

Os alunos se dividiram em grupos de cinco, total de 5 grupos para a elaboração de uma mistura, após explicação sobre os conceitos de substância, mistura e fases da mistura. Foram dispostos os materiais, e, os alunos deveriam elaborar uma mistura conforme quisessem, mas, deveriam anotar cada um dos materiais usados, definir o tipo de mistura e quantas fases apresenta a mistura, em um relatório do grupo.

A dinâmica trouxe maior materialização dos conceitos, essenciais para o sexto ano, tornando o aprendizado mais significativo. A aula prática se

desenvolveu após algumas reuniões com o professor orientador da UFPR, e também após alguns diálogos com o professor responsável no colégio, além das observações do perfil da escola e da turma.

Após ser definido o período em que colocaria a aula em prática, escolhi a turma e analisei o cronograma das matérias a serem passadas, que foi o tema após a introdução ao reino vegetal, as Briófitas e Pteridófitos.

Em reunião, construímos um plano para passar essa parte da matéria, tendo em vista todos os critérios já estabelecidos.

A aula iniciou com o professor realizando a chamada e em seguida, me passou a dianteira para iniciar a aula. Começo dialogando sobre o que eles viram até agora do reino vegetal, explicando que assim como nos outros reinos, há divisões de indivíduos por características.

Em seguida, deu início com a dinâmica estabelecida, peço para se dividirem em grupos de cinco, entrego as seis amostras e peço que organizem as amostras em dois grupos, tomando nota das características em que decidiram separar as amostras. Além dos dois grupos, os alunos devem identificar uma das seis amostras que não se enquadram em nenhum dos dois grupos de plantas.

Após a dinâmica, realizamos uma discussão geral do porquê das divisões, e, em seguida, realizei a apresentação das características gerais das briófitas e pteridófitas, com auxílio do computador, através de slides e vídeos. Em seguida, dei mais um tempo para eles identificarem nas amostras, quais eram briófitas e pteridófitas, e qual das amostras não se enquadra em nenhum dos grupos. Após esse tempo, tivemos mais uma discussão sobre a dinâmica, agora levando em conta as características passadas. Após a dinâmica, fomos até a horta da escola, onde identificamos algumas espécies de briófitas e pteridófitas em seu habitat.

5.1 CONCLUSÕES E REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO III

Desde quando entrei no curso, não tinha tido a oportunidade de aplicar uma aula que não fosse nas práticas em sala de aula, na universidade, apenas com os professores e demais colegas assistindo, o que me gerou um certo receio e insegurança em realizar essa prática “pra valer”. É uma situação completamente diferente, e por mais que se estude o teórico de como é uma sala de aula, ou que pergunte aos demais colegas do curso sobre como se portar, se dá tempo de realizar uma aula no período de tempo previsto, ou o que fazer caso ocorram situações imprevistas, apenas a prática vai te dizer como é esse ambiente, o que é trabalhar o conteúdo em conjunto com os alunos, e qual a sensação de ser chamado de professor pela primeira vez. Meus familiares ficaram surpresos após eu contar que gostei de dar aula e de estar no ambiente escolar como professor, pois há uma ideia de que um professor precise ser alguém expansivo ou extrovertido, confiante e sociável, e minha personalidade é o oposto disso, me considero introvertido e não possuo uma necessidade tão grande de socialização, também uma leve insegurança e uma dificuldade de sair do planejado.

O que me ajudou nesse processo foi a presença dos módulos de Interações Culturais e Humanísticas (ICH) que existem nos cursos da UFPR Litoral.

Os ICHs funcionam:

“Através de encontros que ocorrem semanalmente, integrando estudantes dos diferentes cursos, o ICH constitui-se num espaço de aprendizagem interdisciplinar. Possibilita a articulação de diversos saberes (científicos, culturais, populares e pessoais) e busca um olhar mais amplo para a problemática cultural e humanística contemporânea.” UFPR Litoral (2008)

Além de integrar estudantes de todos os cursos da UFPR Litoral, gerando um maior entrosamento e conexões com pessoas de todas as áreas, existem vastas opções de ICHs que podemos escolher ao se matricular, e não há restrição a algo que tenha a ver com o curso, ou no período no qual você deseja se matricular.

Dentre todos os módulos que participei, gostaria de destacar um em especial que participei algumas vezes, que é o ICH RPG (Role Playing Game).

"RPG é uma sigla em inglês que pode ser traduzida como "Jogo de Interpretação de Papéis" ou "Jogo de Interpretação de Personagens". Nele um grupo de amigos se reúne para construir uma história, como se fosse um teatro de improviso. Existe um diretor, chamado de "narrador" ou "mestre", que vai explicando o desenrolar da trama; e existem os jogadores, que modificam a história à medida que interpretam seus personagens." (Brasil Escola, 2020).

Esse tipo de jogo, que também pode ser utilizado em práticas docentes, além de ocorrer toda a necessidade de interação com desconhecidos, me tirou da zona de conforto, pois ele exige que, após a definição de um universo fantasioso ou não, podendo ser adaptado diversas temáticas, criemos e interpretemos um personagem, que não necessariamente corresponda à sua personalidade e as suas inseguranças, e que precisemos adaptar as coisas conforme se desenrole a história.

E notei uma semelhança quanto ao papel do professor. Apesar de haver incertezas, demonstrar uma autoconfiança ajuda, por mais que por dentro tenhamos medo de algo dar errado por dentro. E por mais que planejamos algo, podem ter situações que precisamos adaptar, e deixar o procedimento padrão de lado por um momento.

Também gostaria de citar o Programa de residência pedagógica, que realizei paralelamente com os estágios supervisionados III e IV. O programa foi de extrema importância para praticar as aplicações de planos de aula, e uma inclusão na escola que complementa o estágio e fortalece a docência como um todo.

Senti que os alunos se engajaram com os temas apresentados nas aulas aplicadas, gostaram da dinâmica e entenderam a proposta das aulas.

Ao longo do estágio, pude mais uma vez refletir sobre a importância do papel do professor na formação dos alunos, bem como sobre a necessidade de adaptar os conteúdos e estratégias de ensino de acordo com as características e necessidades individuais de cada turma e de cada estudante.

O estágio proporcionou uma experiência enriquecedora, proporcionando a vivência real da prática docente. O contato direto com os alunos e os professores contribuiu para o amadurecimento profissional e a consolidação dos conhecimentos adquiridos durante o curso.

O estágio também evidenciou a importância de uma boa relação entre a teoria e a prática, reforçando a necessidade de um constante aperfeiçoamento pedagógico e a busca por novas estratégias de ensino.

6 ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV

O estágio Supervisionado IV, realizado no segundo semestre de 2023, teve como orientador da UFPR o professor Vitor Fabricio Machado Souza, e no colégio, o professor preceptor foi o Jean Carlo Alves da Silva. O estágio foi realizado no Colégio Estadual Tereza da Silva Ramos.

De acordo com o Projeto político pedagógico do curso, a última parte do estágio tem como ementa;

“A entrega de relatório semestral com os diários de vivências e os relatos da pesquisa-ação articulados com a literatura. Atividades de orientação à redação, normalização (ABNT) e análise crítica.”

Essa última parte do estágio possui um maior foco na parte avaliativa, em como deve-se elaborar um método de avaliação com base na observação e leitura de conteúdos base desse módulo de estágio.

Em um momento, foi solicitado um auxílio na aplicação de um conteúdo de revisão de substâncias e misturas para o nono ano, tendo em vista que já possuía alguns materiais que foram aplicados no semestre e módulo passado. Assim como no sexto ano, foram passados esses materiais, separou-se a turma em grupos, e como era uma matéria de revisão, questionou-se se eles conheciam os termos “substância, mistura, fases, homogênea e heterogênea” e demais conceitos. Alguns alunos disseram que já viram esse conteúdo anos atrás, e alguns disseram que nunca viram.

Solicitou-se que realizassem uma mistura e anotassem os materiais utilizados, bem como quantas fases possuíam, com base em conceitos prévios. Ao longo do processo, o professor foi auxiliando explicando sobre os termos, com base no que os próprios alunos tinham em conceitos prévios à explicação. Em seguida, foram coletados os relatórios, e em outra aula, explicados e discutidos esses conceitos, em conjunto com as matérias de revisão seguintes, como a separação de misturas.

Assim como afirma o trabalho de Conceição (2018), o PPP do colégio, que sugere que as formas avaliativas sejam a prova escrita, testes e fichas descritivas, somados às problemáticas do ensino público como a quantidade excessiva de alunos por turma, gerando uma falta de avaliação individualizada, o que dificulta o *feedback* professor/aluno e aluno/professor, atrelados a uma falta de formação

continuada para um entendimento sobre a avaliação formativa, que beneficia tanto os alunos quanto o professor, dificulta a implementação desses instrumentos avaliativos.

Em uma das atividades realizadas durante o estágio IV, o professor Vitor nos incumbiu a tarefa de relacionarmos o método de avaliação do professor preceptor onde realizamos o estágio com a bibliografia passada, onde deveríamos realizar a análise de como foi feita a avaliação no sistema trimestral de alguma turma.

O professor do colégio costuma fazer uma avaliação processual e contínua, analisando o esforço individual e o trabalho coletivo, além da construção final dos trabalhos, tendo maior foco na realização, e utilizando critérios diagnósticos formativos e somativos. De acordo com o professor, o método avaliativo precisa atender aos requisitos no qual o núcleo exige, sendo duas avaliações com diversos exercícios, de cinco pontos cada, e duas recuperações dos cinco pontos.

O professor busca desenvolver atividades práticas, que possam instigar os alunos e estimular a aprendizagem ativa, desenvolvendo as habilidades de pesquisa e de resgate do conhecimento teórico aprendido anteriormente nas aulas expositivas durante as práticas e projetos.

Tendo como base os instrumentos de avaliação formativa de Zaballa (1998), sendo a *avaliação inicial, reguladora e final*, considero que são usados alguns dos critérios na avaliação do professor, como uma introdução ao conteúdo com o conhecimento prévio dos alunos, sendo a avaliação inicial, os trabalhos práticos e uma análise do professor sobre o comportamento dos alunos em relação à matéria, se houve um entendimento ou alguma confusão sobre determinado tema, se houve uma fala ou se surgiram dúvidas durante a elaboração das atividades práticas, avaliação reguladora, onde os alunos têm uma maior abertura para sanar dúvidas durante as práticas, em comparação com aplicações de aulas expositivas, e a avaliação final, sendo a junção das avaliações inicial e reguladora, e tendo em vista, assim como parte-se o princípio desse método avaliativo, a avaliação do professor sobre seu próprio método, e como adaptar suas estratégias de ensino.

Há uma certa pressão por meios externos de manter uma padronização de aplicação das aulas, onde espera-se que o professor passe os conteúdos, seja do Registro de Classe Online (RCO) com os slides prontos, seja do livro didático, ocorra uma leitura de um texto e a realização de perguntas no final do texto, o que vai contra os critérios de avaliação formativa.

Outra atividade de estágio foi a análise de nosso plano de aula, aplicado anteriormente no estágio supervisionado III, buscando se houve um método avaliativo aplicado, e como poderíamos incrementar o plano de aula utilizando as ferramentas de avaliação formativa. Após a leitura dos textos e melhor compreensão sobre a avaliação formativa, pude melhor analisar o contexto da avaliação da aula e como refinar a forma de avaliar em aplicações futuras.

Por conta de ser uma atividade de estágio supervisionado, o professor se encontrava em sala de aula, onde a preocupação em fornecer um método de avaliação não estava em minha alçada. Porém, ainda houve como utilizar alguns métodos avaliativos para uma futura aplicação dessa aula, sem alterar a metodologia.

As atividades propostas fornecem uma variedade de oportunidades para os alunos aplicarem, discutirem e revisarem o conhecimento adquirido sobre o tema da aula, incentivando a participação ativa, a colaboração entre os alunos e a conexão entre observações práticas e conceitos científicos. Além disso, as atividades permitem que os alunos revejam suas decisões iniciais, o que é um componente importante da avaliação formativa. Uma análise periódica dos relatórios dos grupos durante sua elaboração poderia ser um método fundamental para avaliar o aprendizado, além de identificar a contribuição e dificuldades de cada membro do grupo.

Pensando em uma avaliação considerando as atividades desenvolvidas ao longo do semestre, modelo atual de divisão de grupos de atividades e de avaliação, poderia se adotar uma metodologia de construção de portfólio, por exemplo, onde o processo teria maior peso do que o resultado final.

Considerando o contexto de escola pública, deve-se evitar a exigência da elaboração do portfólio como um gasto extra, e pensar em soluções que busquem utilizar os materiais já possuídos ou material público, evitando gastos financeiros dispensáveis aos responsáveis.

As aulas seriam preparadas, pensando em atividades coletivas, interativas, materiais e/ou qualquer outra atividade que fosse além do cotidiano, em sua maioria, que não trazem em tona o protagonismo do aluno, da maioria das matérias e formas de avaliação, tentando ao máximo dialogar com o cotidiano de cada um da turma, através da sondagem da turma, buscando dialogar com cada indivíduo da melhor forma.

Num primeiro momento, buscaria analisar o cronograma, quais dias têm duas aulas seguidas, e fazer uma prévia do conteúdo que seria passado a cada dia, obviamente deixando espaço para uma flexibilidade, pois o horário das turmas muda constantemente e imprevistos surgem.

A estrutura que pensei do portfólio seria por dia, onde cada aluno incluiria as atividades realizadas, junto com reflexão sobre a aula. Essa reflexão poderia ser qualquer forma de expressão do aluno, se gostou ou não da aula, se houve dificuldade ou não com o tema, ou possíveis dúvidas que surgiram durante a aula. Como cada indivíduo é único, e suspeito dizer que a maioria dos alunos do sétimo ano estão exauridos de escrever, poderia realizar em paralelo, uma planilha contendo o nome de cada aluno e a data, para ouvir e anotar o feedback sobre cada aula para melhor elaboração. Pensando na aula planejada, durante a aplicação, cada um do grupo deveria realizar um relatório próprio e incluí-lo no seu portfólio, junto com suas reflexões sobre a aula.

Em paralelo às atividades de estágio, auxiliei uma colega do curso, que também participou do Programa de Residência Pedagógica, na aplicação de um planejamento de aula sobre o tema “Ideias Evolutivas”, numa turma de nono ano.

O planejamento se deu, primeiramente num contexto geográfico e cultural. Como a escola se encontra no Litoral, vários responsáveis de alunos trabalham com peixes e os alunos conhecem bem esse tipo de animal. Por conta disso, os peixes foram utilizados como pano de fundo para o tema, onde mostrou-se as diferentes formas de locomoção utilizando o mesmo tipo de estrutura.

Os alunos deveriam formar grupos e elaborar um modelo de peixe que utilizasse um dos tipos de locomoção, entre saltar, rastejar ou apenas nadar. Após a elaboração do modelo, os alunos deveriam observar os demais modelos dos colegas e buscar compreender o conceito de seleção natural. Um exemplo de avaliação diagnóstica ocorreu durante a fala dos alunos, onde, após um dos alunos trazer e questionar se ocorria por conta do uso e desuso, o professor, que acompanhava a aplicação, explicou brevemente (por conta do tempo da aula), a diferença entre as teorias de Darwin e Lamarck, e decidiu preparar a aula seguinte trazendo uma base maior na diferença entre as teorias. Gostaria de enfatizar que, em todas as aplicações de didáticas, buscou-se encaixar os temas no cronograma do professor, para não atrasar os conteúdos. Além de enfatizar a dificuldade em planejar uma sequência didática fechada, em no máximo duas aulas.

6.1 CONCLUSÕES E REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO IV

Com base nas aulas observadas, tanto nesse módulo quanto nos três anteriores, percebe-se como há uma cobrança velada por parte da direção para que tudo ocorra conforme o padrão do ensino tradicional, desde a maneira de passar as matérias (leitura, cópias e exercícios do livro didático), como a aplicação da prova teórica, com um número de questões determinadas e um silêncio absoluto durante a aplicação.

Essa metodologia avaliativa é tida quase como um dogma, onde é impensável trabalhar outra forma avaliativa senão essa, de acordo com os diálogos e observações que fiz na sala dos professores e demais ambientes do colégio.

Os slides do governo são alvos de críticas até dos alunos, que consideram todas as aulas, não só as de Ciências como sendo algo engessado, artificial, o que desmotiva boa parte dos alunos, que de acordo com Vasconcellos (2005), não há uma real construção do conhecimento.

A diversidade dos instrumentos de avaliação, com base em uma análise da turma, nos permite adotar um desses instrumentos que nos demonstrem melhor o que o aluno aprendeu sobre o tema, e como aprendeu.

No meu entendimento e minhas experiências, os melhores instrumentos são os que conseguem refletir a realidade do aluno, e que dão um protagonismo a ele, que ele consiga expor suas dúvidas e ideias de forma mais natural. Em algumas aplicações de dinâmicas, já ocorreu de alguns alunos, por não entenderem a dinâmica de um jogo de cartas sobre determinado tema, pedirem para copiar perguntas do livro e responderem, creio que por ser algo manual e que não exigisse um esforço mínimo de aprender algo novo, o que é bem preocupante.

A falta da diversificação nas formas de avaliação não é incentivada pela direção, que, justamente, incentiva que ocorra conforme o padrão estabelecido de copiar e colar, e decorar frases prontas para realizar uma prova escrita.

O processo de avaliação do professor não pode se limitar apenas na soma da pontuação final da avaliação, com base em critérios imutáveis.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Ciências (1998), já são citados diversos instrumentos de avaliação e afirma-se que a avaliação não se deve restringir a provas escritas, somente. Como professores, devemos garantir que haja um processo pleno, em todas as partes da aplicação das aulas, em especial da avaliação.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das dificuldades, creio que consegui cumprir os quatro módulos do estágio com êxito no que cada um se propõe, de forma que todo o processo não só dos estágios, mas do curso como um todo, me levaram a ter uma formação como cidadão, indispensável para um professor. Todas as reflexões, diálogos, leituras e interações com diversas partes das comunidades da universidade e das escolas no qual fiz parte, onde consegui ter uma visão mais ampla sobre diversos aspectos, consegui quebrar diversos paradigmas e criar um pensamento crítico, o que é fundamental para um docente ou em qualquer área das ciências.

Além disso, a visão sobre o que é ser professor, além de apenas uma profissão é algo que, ao longo desses anos, fui entendendo e creio que ainda tenho muito a entender sobre isso, e qual o papel da educação na sociedade como um todo, e também qual o papel do professor para um indivíduo, que pode ter sua vida mudada, para bom ou não, dependendo de uma ação que um professor tome ou omite. O ser professor está além da formalidade acadêmica.

Além disso, pensando nas problemáticas vistas nos estágios e como estudante de escola pública, e tendo base nos estudos teóricos que são a bibliografia básica do curso, muitas vezes são artigos dos anos 90 e 2000, e que, infelizmente, os mesmos problemas e discussões daquela época ainda se mantêm praticamente os mesmos na atualidade.

Apesar de boa parte das escolas do Paraná possuírem monitores onde são reproduzidos slides e vídeos demais, a metodologia de ensino, pelo menos nas escolas públicas, continua defasada e precária, e um dos nossos papéis como professores é o de buscar acompanhar o ritmo de aprendizado e metodologias eficazes para que haja uma melhora nesses quesitos. Porém, não é obrigação inteiramente dos professores em buscar a elaboração e implementação dessas metodologias.

Creio que seja necessário um incentivo maior por parte do Estado em realizar a manutenção do ambiente escolar e recursos, um incentivo aos profissionais que demonstram bons resultados, tendo como base não só a aprovação de alunos, mas em um método de avaliação criterioso. Apesar da docência não se tratar apenas disto, ainda é uma profissão, e quase nenhum profissional buscará a aplicação de metodologias mais trabalhosas apenas por capricho, ou amor pelo que faz.

A realidade de grande parte dos profissionais da educação é o trabalho de mais de 60 horas semanais, onde não há tempo para elaborar e adaptar os conteúdos para cada turma, e muitas vezes, uma aula preparada a dez anos atrás, continua a ser replicada até hoje. Por isso, há uma dificuldade em se manter fora do ensino tradicional, engessado e pronto, onde é mais fácil replicá-lo sem adaptação e atualização dos conteúdos.

Em uma matéria em constante inovação, descobertas e evolução como a Ciência, pode-se causar consequências graves relacionadas à desinformação e notícias falsas, como pudemos observar no período pandêmico. Como professores, assim como é feito no método científico, não é nossa obrigação em realizarmos uma grande mudança no sistema educacional sozinhos, mas sim devemos dar um pequeno avanço como indivíduos, pensando e buscando uma melhoria e mudanças efetivas no coletivo.

8 REFERÊNCIAS

UFPR. **Projeto Pedagógico do Curso Licenciatura em Ciências**. Universidade Federal do Paraná, UFPR Litoral. Matinhos-PR, 2014.

NÓVOA, António. **Formação de professores e profissão docente**. In: NÓVOA, A. (org.), 1992.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Construção do Conhecimento em Sala de Aula**. 18ª ed. São Paulo: Libertad, 2005.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Metodologia Dialética em Sala de Aula**. In: Revista de Educação AEC. Brasília: abril de 1992

LIMA, Maria Socorro Lucena. **Onde tudo começa: uma profissão chamada magistério e um profissional chamado professor, o Estágio em debate**. In: Estágio e Aprendizagem da profissão docente. Brasília: Liber Livro, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

COLÉGIO ESTADUAL TEREZA DA SILVA RAMOS. **Projeto Político Pedagógico**, Matinhos, 2022.

COLÉGIO ESTADUAL GABRIEL DE LARA. **Projeto Político Pedagógico**, Matinhos, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001b.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. tradução de Raquel Ramalhte. Petrópolis, Vozes, 1987.

CONCEIÇÃO, José Luiz. **Instrumentos de avaliação formativa: Panorama e percepção docente**. - Universidade Federal de Sergipe, 2018.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

UFPR. **Projeto Político Pedagógico - PPP. Universidade Federal do Paraná: UFPR Litoral**. 2008. Disponível em: <<http://www.litoral.ufpr.br/portal/ufpr-litoral/projeto-politico-pedagogico/>>. Acesso em 04 de Janeiro de 2023.

Brasil Escola. **RPG (Role-Playing Game)**. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/rpg.htm>>. Acesso em 04 de Janeiro de 2023.

Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais; Terceiro e Quarto ciclos do Ensino Fundamental – Ciências Naturais**, 1998. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ciencias.pdf>> Acesso em 10 de Janeiro de 2023.